

A ética na formação dos profissionais da saúde: algumas reflexões

Claudia Maria Schuh
Isabella Martins de Albuquerque

Resumo O artigo descreve o importante papel da ética na formação dos profissionais da saúde. Inicia com considerações sobre o nascimento e incorporação da bioética na formação do profissional da saúde, destacando o papel das instituições de ensino superior na disseminação de conteúdos éticos pertinentes a cada profissão. É destacado o papel do ensino da ética na formação dos profissionais da área da saúde, tecendo considerações sobre a importância desse ensinamento que visa à humanização da prática médica.

Palavras chave: Bioética. Ética. Educação médica. Pessoal de saúde.



Claudia Maria Schuh

Fisioterapeuta e professora assistente do Curso de Fisioterapia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Médicas/Pediatria, Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, Brasil



Isabella Martins de Albuquerque

Fisioterapeuta e professora assistente do Curso de Fisioterapia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Medicina/Ciências Médicas da UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil

Quando acreditamos que a formação do futuro graduado ou profissional não pode reduzir-se a incrementar seu conhecimento deontológico, mas sim deve incorporar aprendizagens que permitam o seu desenvolvimento ético e moral como pessoa, tanto em sua dimensão individual como social, surge o seguinte questionamento: quais são as melhores estratégias que a sociedade apresenta para estimular a autonomia dos estudantes, o respeito à diversidade e ao pluralismo cultural e moral?

Diante de tal questionamento este artigo propõe apontar algumas razões para sustentar a necessidade do ensino da ética aos profissionais da saúde, considerando-o como fator de suporte e balizamento na formação do caráter, indispensável ao controle da vida e a manipulação do semelhante.

A bioética

A Conferência Mundial sobre Educação Superior no Século XXI, convocada pela Unesco e celebrada em Paris, em outubro de 1998, mencionava que: *deveriam estabelecer-se diretrizes claras sobre os docentes da educação superior, que deveriam ocupar-se, sobretudo, hoje em dia, de ensinar a seus*

alunos a aprender e a tomar iniciativas, e a não ser, unicamente, poços de ciência.

Segundo Santiago, a universidade teria que contemplar – em sua atividade formadora e de investigação – a incorporação de conteúdos éticos próprios para cada profissão, de forma que o futuro profissional, além de lograr ser um *expert* em sua matéria, estivesse em condições de atuar com base em critérios éticos¹. Para isto, assevera, a formação do futuro graduado ou profissional não poderia reduzir-se a incrementar seu conhecimento deontológico, mas sim deveria incorporar aprendizagens que permitissem o seu desenvolvimento ético e moral como pessoa, tanto na dimensão individual como social.

Boff menciona que cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Para o autor, o cuidado só pode surgir quando a existência de alguém tem importância para outra pessoa. Se está diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude². Neste contexto, o mesmo autor defende que mais do que o cartesiano penso logo existo (*cogito ergo sum*) vale o sinto, logo existo (*sentio ergo sum*). Tal assertiva reflete-se na preocupação com as questões éticas envolvendo os profissionais da área da saúde, quer na prática diária, quer nas pesquisas, as quais requerem, continuamente, a capacidade de renovação e aprofundamento.

A bioética nasce de cientistas preocupados com o rumo de suas pesquisas, de médicos procurando orientar sua relação com os

pacientes, de administradores hospitalares buscando critérios para o gerenciamento dos recursos, muitas vezes escassos, de moralistas tentando elaborar uma ética de responsabilidade, de teólogos apresentando a experiência religiosa como construtora de sentido para a existência, e assim por diante. Neste panorama de novas e inusitadas conquistas da biotecnociência, a bioética afirma-se como uma disciplina que se forma no debate entre as diferentes áreas do conhecimento humano, toda vez que estiver em jogo a vida e, no caso, a vida em seus elementos biológicos constitutivos, em sua própria materialidade³.

Ética e os profissionais da saúde

Cabe, porém, ressaltar que as questões éticas envolvendo a medicina já possuem um histórico, desde que os gregos, que influenciados pela Filosofia, e de forma mais enfática por Hipócrates, obedeciam a um código de etiqueta e comportamento para o médico, o qual descrevia condutas de aparência saudável, voltadas a promover a serenidade, autocontrole, compaixão e dedicação, objetividade, responsabilidade e compromisso com o bem-estar do doente⁴.

Esse parâmetro se manteve ao longo da história e rege até hoje a conduta profissional. Entretanto, esse modelo começou a sofrer transformações após a II Guerra Mundial, quando surgiu o *Código de Nuremberg* (1947), mais tarde a *Declaração de Hensinki* (1964), seguidos pelo *Convênio sobre os Direitos Humanos e a Biomedicina* (1997), a *Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos* (1997) e, recente-

mente, o *Genetics and Human Behavior: the Ethical Context* (2002); as *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos*, Resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS196/96; assim como a *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*, elaborada no âmbito da Unesco, já em 2005⁵.

Nesse contexto é oportuna a apropriação para a bioética da Teoria do Cuidado, de Boff, que afirma que o cuidado se opõe ao descuido e ao descaso. Portanto, cuidar é mais que um ato é uma *atitude*, que vai além de um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Nessa perspectiva, cuidado pode ser descrito como ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro².

Muito se tem discutido sobre essa *nova* disciplina que surge, a bioética, a qual é influenciada pelos aspectos temporais e culturais hodiernos. Assim como a ética foi influenciada pelas linhas de pensamento derivadas da Teologia Moral, do utilitarismo de Mills e do kantismo, a bioética tem recebido aportes de teorias, como a bioética das virtudes (Pellegrino), dos cuidados (Gilligan e Bauer), o principialismo (Beauchamp e Childress), o contratualismo (Engelhardt), entre outras⁶.

Sob o influxo dessas perspectivas teóricas se pode considerar que ser ético não decorre apenas de seguir o código de ética. De acordo com Rego, a realidade de uma sociedade democrática e plural não é contemplada na maioria dos códigos de ética. Para o autor, códigos e leis são o resultado do acúmulo de

experiências passadas, portanto mutáveis com o próprio passar do tempo⁷. E quando a pergunta é: *como se dá a formação ética do profissional de saúde?* Rego recorre aos estudos de Merton e Becker. Segundo ele, Merton descreve o processo educativo sob dois aspectos: o aprendizado direto, por meio do ensino dialético, e o ensino indireto, no qual as atitudes, valores e comportamentos são adquiridos na vivência com os instrutores, pacientes e membros da equipe. Esta forma de ensino é chamada de “currículo oculto” e inclui também os meios de comunicação e as relações sociais⁷.

A faculdade, porém, pode ser identificada como a única instância para a formação profissional. É preciso considerar o contexto social no qual o indivíduo está inserido, além de sua formação anterior, que constituirão o alicerce sobre o qual se dará a formação profissional. Esta é a maior contribuição de Becker, o reconhecimento de que o estudante não sofre passivamente o processo.

A partir dessa premissa, Troncon afirma que a formação médica não pode prescindir da transmissão de valores humanísticos e do aprendizado de conhecimentos próprios das ciências humanas. A escola de medicina deveria ser um espaço em que os problemas éticos fossem discutidos, proporcionando o desenvolvimento da capacidade dos alunos de lidar com os problemas do campo da moral, com os quais inevitavelmente se defrontarão durante sua prática profissional. O autor diz que o atual modelo de ensino da medicina não enfatiza este aprendizado⁸.

O autor afirma ainda que a capacidade de julgamento moral é uma competência progressivamente adquirida desde o nascimento e a entrada em uma faculdade representa o início do processo de socialização profissional. Nesta fase, a adoção da moral profissional convencional é esperada e será fortemente determinada pela adoção de modelos e pela interiorização de comportamentos e atitudes aceitas pela corporação.

Segundo Braibant, no campo da saúde, o ensino da ética está atrasado em relação às necessidades da sociedade, tornando-se necessário superar de forma rápida esta defasagem. Este fato se justifica porque, nos estabelecimentos de formação científica e médica, há mais interesse nas técnicas do que na ética, existindo também poucos especialistas nessa matéria ⁹. Azevedo lança o desafio quando menciona que não saberemos nem mesmo por onde começar a enfrentar esses problemas difíceis enquanto não nos empenharmos em adquirir a informação mínima requerida para descrevê-los adequadamente. Também não faremos nenhum progresso se não formos capazes de pensar nestes problemas fazendo uso integral do legado de discernimento moral que nos foi transmitido com as reações, atitudes, expectativas e sentimentos que constituem nossa vida moral ¹⁰.

Rego reforça essa premissa quando salienta que os conteúdos não devem se limitar àqueles estritamente relacionados às situações que se acredita que os estudantes venham a se confrontar depois de formados, mas incluir desde a filosofia da moral e da ciência, como uma base consistente para a reflexão moral

autônoma (mais condizente com os próprios objetivos do curso), até as situações práticas concretas que os estudantes vivenciam durante a graduação ¹¹.

E qual é o período considerado mais adequado à formação ética do profissional da saúde? Na opinião de Rego, a melhor estratégia para o ensino da ética e da bioética nos cursos de graduação, inclui significativamente a discussão de casos que estejam relacionados com o cotidiano do estudante e dentro de sua capacidade de decidir efetivamente. O autor defende a utilização da discussão em pequenos grupos, na medida em que possibilita aos estudantes participação ativa nas aulas e troca de opiniões intensa entre seus pares ¹¹, da mesma maneira que se encontra nos métodos de ensino baseados na problematização ou Aprendizagem Baseada em Problemas. Neste contexto, Grad afirma que mesas redondas sobre problemas éticos podem oferecer maior benefício, evitando a discussão abstrata e teórica, pois os membros do grupo terão experiências úteis e significativas, podendo apontar o caminho para a identificação e resolução de questões éticas na prática ¹².

Considerações finais

Acreditamos que é de vital importância que os profissionais do futuro estejam aptos a dar soluções aos novos desafios que se apresentam na atenção à saúde da população. Quando se fala em ética, se está vislumbrando uma sociedade mais justa, onde a dignidade de todos seja respeitada. Nos mais diversos espaços de atendimento à saúde, a observância dos prin-

cípios éticos na prática diária dos profissionais propõe que sejam respeitados os valores morais e culturais dos indivíduos. Para alcançar a responsabilidade estratégica é evidente que há necessidade de acolher a colaboração dos especialistas nas mais diversas áreas, respeitando a multidisciplinaridade, promovendo a educa-

ção permanente, cujo produto final seja a humanização da prática médica.

Artigo oriundo de trabalho desenvolvido na disciplina de Prática Educativa em Medicina. Programa de Pós-Graduação em Medicina. Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS).

Resumen

La ética en la formación de los profesionales de la salud: algunas reflexiones

El artículo señala el importante papel de la ética en la formación los profesionales de salud. Empieza con las consideraciones sobre el nacimiento e incorporación de la bioética, en la formación del profesional de salud, destacando el papel de las instituciones de educación superior en la incorporación de contenidos éticos pertinentes a cada profesión. Es destacado el papel de la enseñanza de la ética en la formación dos profesionales del área de salud, urdiendo consideraciones acerca de la importancia de esa enseñanza que busca a la humanización de la práctica médica.

Palabras-clave: Bioética. Ética. Educación Médica. Personal de salud.

Abstract

The ethics on the formation of the health professionals: some reflections

The article punctuates the important role of ethics on the health professionals' formation. Starts with considerations about bioethics, its origin and its incorporation to the formation of health professionals', highlights the role o Higher Education Institutions on incorporating the ethical contents pertinent to each profession. It highlights the role of teaching ethics on forming the health area professionals', concluding the issue of the importance of this teaching aiming at the humanization of medical practice.

Key words: Bioethics. Ethics. Education, Medical. Health personnel.

Referências

1. Santiago RM. Ética e formação universitária. *Revista Ibero-americana de Educação* 2002;29:34.
2. Boff L. Saber cuidar: ética do humano. *Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes; 1999.
3. Sanches MA. *Bioética: ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola; 2004.
4. Loch JA. Uma breve introdução aos temas da ética e da bioética na área dos cuidados da saúde. In: Kipper JD, Marques CC, Feijó A, organizadores. *Ética em pesquisa: reflexões*. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003. p.11-8.
5. Unesco. Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos [Online]. [citado em 2006 jul 14]. Disponível em: URL:<http://www.bioetica.catedraunesco.unb.br/htm/X%20%20htm/documentos/declaracaojulho2006.pdf>.
6. Segre M. Ética em saúde. In: Palácios M, Martins A, Pegoraro OA, organizadores. *Ética, ciência e saúde: desafios da bioética*. Petrópolis: Vozes; 2001. p.19-26.
7. Rego S. A ética na formação dos médicos. In: Palácios M, Martins A, Pegoraro OA, organizadores. *Ética, ciência e saúde: desafios da bioética*. Petrópolis: Vozes; 2001. p.108-33.
8. Troncon LEA, Cianflone ARL, Martin CCS, Alessi NP, Bava MCGC, Meneghelli UG. Conteúdos humanísticos na formação geral do médico. In: Marcondes E, Gonçalves EL, editores. *Educação médica*. São Paulo: Sarvier; 1998. p.99-114.
9. Braibant G. Perspectivas internacionais no ensino da ética em saúde: entrevistas. *Bioética* [Online] 1996 [citado agosto 2006]; 4(1). Disponível em: URL:<http://www.portalmedico.org.br/revista/ind1v4.htm>.
10. Azevedo MAO. *Bioética fundamental*. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2002.
11. Rego S. A formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.
12. Grad FP. Perspectivas internacionais no ensino da ética em saúde: entrevistas. *Bioética* [Online];1996 [citado agosto 2006]; 4(1). Disponível em: URL:<http://www.portalmedico.org.br/revista/ind1v4.htm>.

Recebido: 9.3.2008 Aprovado: 28.8.2008 Aprovação final: 6.10.2008

Contatos

Cláudia Maria Schuh - cms@unisc.br
Isabella Martins de Albuquerque - isabella@unisc.br

Cláudia Maria Schuh - Av. Sen. Alberto Pasqualine, 78/306
CEP 96820-050. Santa Cruz do Sul/RS, Brasil.